

DÂNDIS LIONS & ARTE CONTEMPORÂNEA: ETHO-POÉTICA DA ELEGÂNCIA NEGRA

Dandy Lions & Contemporary Art: Etho-Poetics of Black Elegance

Adverse, Angélica; Doutora em Artes Visuais; Universidade Federal de Minas Gerais,
adverseangelica@gmail.com¹

Seif, Marina; Doutoranda em Artes Visuais; Universidade Federal de Minas Gerais,
marinaseif@yahoo.com.br²

Resumo: Este artigo propõe uma análise da etho-poética da elegância negra, partindo da problematização dos processos de apropriação do estilo tradicional do dândi europeu pelos artistas negros contemporâneos: Omar Victor Diop, Iké Udé e Yinka Shonibare. A pesquisa investiga as estratégias de subversão do dândi negro, observando como a estetização de si alicerça a afrofabulação do Dândi Lion. O estudo utiliza o conceito foucaultiano de tecnologias de si para examinar a estética da existência na arte contemporânea.

Palavras-chave: Dandismo Negro; Etho-poética; Afrofabulação.

Abstract: This article aims to examine the etho-poetics of Black elegance by problematizing the appropriation of the traditional style of the European dandy by the contemporary Black artists Omar Victor Diop, Iké Udé and Yinka Shonibare. It investigates the strategies of subversion adopted by the Black dandy, observing how the aestheticization of the self underpins the Afrofabulation of the dandy lion. In this context, Michel Foucault's concept of technologies of the self is used to examine the aesthetics of existence in contemporary art.

Keywords: Black Dandyism; Etho-poetics; Afrofabulation.

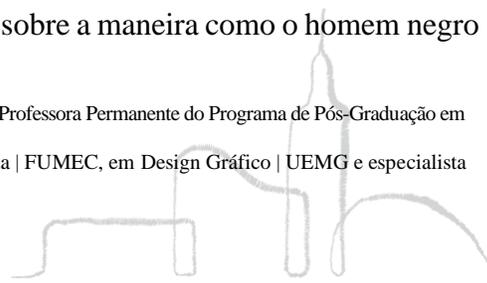
Introdução

*A liberdade é a condição ontológica da ética,
mas a ética é a forma refletida que toma a liberdade.*
Michel Foucault

Ao longo do século XX, a produção artística contemporânea tem problematizado alguns cânones de representação da imagem do homem elegante que foram constituídos historicamente. Em certo sentido, essa crítica se baseia na forma como a concepção do belo se instituiu excluindo o tema da negritude das representações imagéticas. Nesse horizonte, a narrativa da pintura de costumes foi atravessada por códigos e símbolos da branquitude que excluíram a representação do homem negro. Os artistas Yinka Shonibare (1962 -), Iké Udé (1964-) e Victor Diop (1980-) questionam, a partir da etho-poética, os modos de produção do sujeito e da sua imagem ironizando com o modelo canônico da branquitude. As obras desses artistas tecem reflexões sobre a maneira como o homem negro

¹ Doutora e Mestre em Artes Visuais pela EBA | UFMG. Estágio de Pós-Doutorado em História pela FAFICH | UFMG. Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes | UFMG. Professora Adjunta do curso Design de Moda | UFMG.

² Doutoranda e mestre em Arte pela EBA | UFMG. Bolsista pesquisadora CAPES. Graduada em Design de Moda | FUMEC, em Design Gráfico | UEMG e especialista em História da Arte pela PUC Minas.



experimenta esteticamente e eticamente a produção de si pelo Dandismo. Criam uma dialética ao pauperismo, estereótipo geralmente associado à representação do homem negro, eles retomam a estética do estilo contemporâneo denominado por Dândi Lion. Termo utilizado para se referir à “atitude de modernidade” adotada pelo homem negro, o que significa, em termos teóricos, aderir a uma ação de reinvenção de si pela estilização do corpo e da imagem para alterar sua performatização social.

O Dandismo Negro é um sinal visível do “sonho de liberdade” (Miller, 2009, p. 178) a partir do qual o homem negro se remodela, apresentando a partir de sua aparência e de sua aparição no espaço público um conhecimento sobre o seu modo de presença e sobre as estratégias de sua representação. Se no passado o Dandismo Negro foi compreendido como um tipo de disfarce ou uma estratégia *Drag*, segundo Enwezor(2003), acreditamos que a “cultura da imitação” foi substituída por um modelo de ação a partir do qual uma resposta ética e hábil é devolvida pelo homem negro como uma forma de autoconhecimento e cuidado de si. Podemos aqui lembrar a ideia de Haraway (2016, p.105) para falar em uma *respon-habilidade* para compreender esta práxis de automodelagem como uma forma de *cuidado* e uma resposta do sujeito à produção de sentido e de significado de sua forma de existência numa determinada cultura. Este sonho de liberdade coincide com a problematização do modo de ser da etho-poética analisada por Foucault em seus estudos sobre as tecnologias de si e a existência estética. Praticar a liberdade eticamente é, para Foucault (2006), um dos problemas centrais da etho-poética, a liberdade seria uma forma de virtude do corpo social que revelaria a atitude do sujeito tanto para si mesmo quanto para o outro.

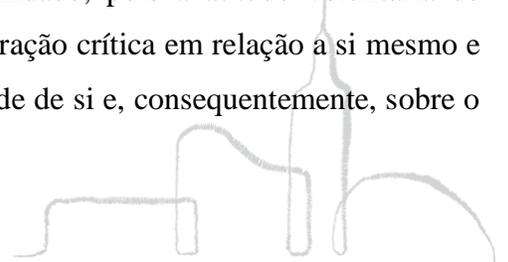
O presente artigo examina a construção da imagem do Dândi Lion a partir das seguintes obras *Diaspora* Victor Diop (2014), *O Eu Considerado* (1995) e *Anarquia Sartorial* (2013), de Iké Udé e *Diário de um Dândi Vitoriano*, de Yinka Shonibare (1998). Nosso estudo busca apresentar um breve arcaçouço a respeito do Dandismo na História da Arte contemporânea, elegendo o gênero do retrato como suporte para a análise da fabulação estética e identitária. O objetivo da pesquisa é estruturar uma análise sobre a elegância negra a partir dos processos de apropriação da estética tradicional do dândi como contraponto crítico-político ao entendimento da elegância negra como submissão à estética europeia de branqueamento, discutindo a dimensão agonística da estilização. As dubiedades do Dandismo Negro integram as políticas da anarquia sartorial que objetivam fazer uma revolução cultural pela dimensão estética da aparência. A originalidade da pesquisa se concentra no estudo da complexidade artística do dândi como uma personagem auto-organizada importante para a representação na arte como forma de ativismo estético. O texto apresentar-se-á em três aspectos: inicialmente, examina-se a noção da etho-poética elegendo os aspectos da automodelagem e da estetização do sujeito como questões que orientam a autofabulação do dândi negro. Posteriormente, analisaremos a produção da imagem do dândi negro na arte contemporânea, discutindo a polidez do gesto e a elegante insubmissão. Por fim, analisaremos a afrofabulação, apontando como o Dandismo é fundamental para a constituição da Modernidade Negra.

Etho-poética: O Dandismo como Automodelagem e Estetização de si

A noção do indivíduo na sociedade moderna é indissociável da emergência do fenômeno da moda. Essa relação consubstancia a afirmação da liberdade como princípio constitutivo do sujeito moderno na ação de estetização de si. A moda reafirmaria um novo modelo de liberdade estética, sendo essencial para a constituição da autonomia discursiva regulada pela aparência. A representação da individuação no espaço público dependeria da visibilidade concedida pelo uso de artifícios, como o vestuário, a maquiagem e demais acessórios. A partir do Romantismo, a tarefa do artista não será somente representar o belo, mas, sobretudo, chamar atenção para uma atitude moderna de constituição de si (Schiffer, 2011: p.24). A singularização do sujeito torna-se uma condição para a genealogia do homem que cria a si mesmo como uma obra arte. A moda e a arte participariam dos processos de mudança e transformação do indivíduo moderno porque ambas permitiriam a inscrição de novos sentidos estéticos na superfície do corpo como um esquema diferenciador que dá visibilidade à luta pela mudança.

Para Hall (2018, p.73), o processo de mudança do corpo negro responde ao jogo relacional de “poder-conhecimento” do qual fala Foucault ao trabalhar a instância da etho-poética, pois é somente dentro de um espectro de reconhecimento dos dispositivos institucionais como o gênero, a classe social, a cultura, a família, a religião e o estado que o sistema discursivo de autoconhecimento pode se estruturar. A relação com o outro é fundamental para que o exterior do sujeito seja constitutivo. Logo, a identidade-relação, isto é, o direito à presença pelo corpo estetizado do dândi negro estrutura politicamente a dimensão ético-estética da existência. Hall se refere a esta dimensão relacional da existência como um tipo de “poética hifenizada” no qual o contato com o outro não se evidencia sem o reconhecimento das distâncias e das tensões porque toda identidade cultural seria definida pelo estabelecimento de limites e distinções a fim de se evidenciar a importância da liberdade como um valor para a etnicidade das formas de vida. Neste sentido, a etho-poética se construiria no interior das relações que colocam em discussão a diferença, o particular, o universal, reconfigurando a instância política do processo de emancipação e busca pela liberdade.

O Dandismo, enquanto modo de existência estético, ampara as perspectivas artísticas da vida pela estilização dos modos de vida. É devido a isso que Foucault (1994, p.570) observa a “atitude de modernidade” como um alto valor para a experiência temporal do sujeito na modernidade, pois a atitude voluntária de modernidade exige que o sujeito se torne o objeto de uma complexa elaboração crítica em relação a si mesmo e ao mundo. Ser moderno implicaria uma análise privilegiada sobre a verdade de si e, conseqüentemente, sobre o seu corpo, o seu comportamento e seus gestos.



Em Foucault (1994), a relação entre a atitude ética do sujeito e a estética da existência está centrada na ideia de que a ética não se restringe à obediência a regras universais ou à introspecção moralista, mas envolve a construção de si mesmo como uma obra de arte. A arte de si (2006, p.106) concerne à relação que o indivíduo estabelece consigo mesmo, conferindo forma à sua “substância ética”, isto é, a seus desejos e paixões. Deste modo, o desenvolvimento ético-estético da existência teria uma íntima relação com a soberania do sujeito sobre si mesmo, sendo que este seria o exercício inicial de uma forma de poder político como princípio de regulação interno no qual o poder sobre si regularia as suas ações. Foucault sugere que, na Antiguidade, a reflexão sobre os prazeres sexuais e a conduta moral não visava a uma codificação rígida dos atos ou a uma hermenêutica do sujeito, mas a uma estilização da atitude e a uma estética da existência. Ambas se manifestariam na maneira como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com os outros, exercendo autodomínio e temperança. O foco está na forma como o sujeito constrói e expressa sua identidade através de práticas conscientes que são, ao mesmo tempo, exercícios de liberdade e de autocriação. A moralidade, assim, adquire um caráter estético, em que o valor ético de uma ação é julgado não apenas por sua conformidade a normas, mas pela maneira como contribui para a formação de uma vida que é, em si, uma obra de arte. Para Foucault, a atitude ética do sujeito é inseparável de uma preocupação estética com a forma de sua existência, pois a criação de si mesmo se torna uma prática ética e estética central na vida cotidiana.

Parret (1997, p.154) nos lembra que Baumgarten (1750) introduz a noção da elegância no *Tratado Estético da História* para qualificar um certo tipo de entendimento ou uma propriedade da alma. Um espírito elegante revelaria a capacidade de transcendência espiritual marcada pela *incerteza do ser* e abertura ao devir. A elegância reforçaria a “obrigação da incerteza” (Coblence, p.27), uma ação estética em torno da questão do sujeito que o colocaria em construção existencial contínua, tal como um trabalho em processo na arte (*work in progress*): “o dândi se mostra pela incerteza de ser. Ele reforça a instabilidade inevitável ao seguir a moda como uma obrigação da incerteza”. A própria existência de si, do mundo e do outro lhe daria condições para exibir as mudanças mais incertas que manifestaria o instante da realidade vivida e histórica. A atitude seria a ação mais radical do sujeito para colocar em questão a arte de si como uma relação com a verdade e a liberdade. O Dandismo seria a prática (*techné*) deste saber-fazer que guiaria o indivíduo dentro de um contexto ou de um instante capaz de constituí-lo como um sujeito ético, pois ele seria capaz de individualizar a ação singularizando a sua reflexão.

O Dandismo se torna uma importante experiência para a subjetivação do homem negro porque desencadeia correlações e correspondências entre o mundo exterior e interior do indivíduo, contribuindo para que ele adquira recursos técnicos e espirituais para responder habilidosamente aos desafios impostos à sua prática de liberdade, o que conduz a subjetividade negra a compreender reflexivamente como, dentro de uma determinada cultura, o domínio de algumas tecnologias de si pode romper com assujeitamentos raciais violentos. Isto tem

relação com o modo como o corpo negro pode reconhecer a importância do gesto de automodelagem como uma tomada de consciência tanto da sua identidade racial quanto da forma como a estetização de si se constitui como um importante discurso político frente à ambivalente modalidade discursiva da branquitude. O dândi se apresenta como o sujeito que consubstancializa o seu gesto de automodelagem como uma autofabulação, colocando em discussão os afetos relacionados à colonização da África, a escravidão do povo negro e aos discursos que inferiorizaram as pessoas negras por suas condições físicas ou intelectuais. O gesto de autofabulação do dândi negro modifica a forma como o sujeito se relaciona com o mundo, exigindo que, pela elegância do espírito, a experiência de ser negro seja produzida esteticamente. Abordar a etho-poética do Dândi Lion implica em reconhecer os esquemas iconográficos e as manifestações performativas dentro da singularidade histórica das pessoas negras. Assim, tanto para as pessoas escravizadas quanto para as pessoas negras que vivenciam ou experienciaram a violência do racismo, o entendimento da elegância como uma experiência de mudança da consciência em relação à produção da subjetividade se manifesta pelo gesto de ativez do indivíduo. Este sujeito, ao reconhecer a sua singularidade no mundo, exige uma mudança da forma como o corpo negro experencia os seus afetos estéticos. Para Mercer (2018, p.78), as práticas negras de estilização do corpo reconfiguram a experiência da modernidade como uma afirmação da narrativa do sujeito histórico que se emancipa atribuindo uma função cada vez mais essencial à inovação da experimentação estética. O que para Checinska (2019, p. 75) significa a conquista de um direito do homem negro modelar tanto o seu corpo quanto a sua existência pelos artifícios temporais da moda; assim o corpo negro poderia, de forma semelhante ao corpo branco, utilizar de técnicas estéticas que reconfigurariam a sua aparência. Como resultado, as estratégias sincréticas de mudanças corporais seriam válidas para permitir ao corpo negro uma gama de experimentações e mudanças sem que lhe fosse exigido uma relação com o “natural”, o que significaria em termos práticos que os corpos negros poderiam se libertar das exigências de estilizações corporais relacionadas às culturas tradicionais, e pensar a estilização da imagem do homem elegante pela apropriação da moda europeia sem que lhe fosse atribuída a ideia de um jogo semântico subalterno. Ao portar um terno, o homem negro poderia perturbar as normas oficiais da representação do dândi a fim de transbordar a diferença pelos gestos que modificariam os signos estilizados da negritude.

Um controverso exemplo da etho-poética da elegância negra na História da Arte pode ser observado pela pintura de Anne-Louis Girodet Trioson (1797) intitulada inicialmente como *Retrato do Negro* e apresentada no mesmo ano no Salão de Exposição *Elysée*. Bocquillon (2004, p. 37) destaca a mudança no título em sua apresentação no Salão de Arte de Paris em 1798. Neste momento, a pintura recebeu o seguinte título: *Retrato de C. Belley, ex-representante das Colônias*. Há, portanto, uma importante mudança que destaca a identidade da personagem e sua integração à sociedade francesa. Bocquillon ressalta algumas ambivalências na leitura crítica da obra, destacando alguns importantes aspectos que dizem respeito à produção da imagem do homem negro.

Primeiramente, a autora cita o comentário de Brilliant (1991, p.105), que chama atenção para a dissonância cognitiva do retrato de Belley porque a pintura destacaria os traços exagerados da personagem aproximando de uma figuração satírica e bestial, algo relativamente comum para o imaginário Europeu do século XIX que tendia a representar o homem negro exagerando os seus traços físicos, por exemplo, a forma física do falo, explicitando a virilidade e a força sexual. Contrapondo este aspecto, a autora evidencia a análise estética de Weston (1994, p.97), que identifica características da representação de Apolo, revestindo com o traje heroico jacobino. Para a autora, o que estaria em questão na tela é a presença do negro como um cidadão livre. As variadas interpretações desta pintura remontam inúmeros aspectos da produção de subjetividade na representação do homem negro na pintura. Bocquillon enfatiza a importância de Belley figurar o tema da abolição da escravatura no fim do século XIX. A performatividade de Belley potencializa a ideia de uma personagem dotada de um discurso sobre si mesmo, exprimindo uma verdade sobre a diferença racial entre o homem negro e o homem branco³. O que está em questão na pintura é a independência do homem negro que, mesmo tendo sido extremamente racializada pelo olhar de Girodet, revela a força da liberdade no imaginário social. A representação do uniforme como um tipo de escultura de si apontaria para a ideia de autoridade e de poder político do sujeito.

A etho-poética do homem negro coloca em questão como o indivíduo constitui o valor de sua conduta, elaborando, por intermédio da virtuosidade de sua liberdade, a atitude altiva de se portar como um cidadão livre no espaço republicano. Os mecanismos estéticos de representação do sujeito são evidenciados pela temporalidade do fenômeno da moda na imagem, eles reforçariam como a arte traduz os signos do corpo revestido enfatizando o gesto de altivez pela elevação da cabeça no retrato, a intensificação dos fenótipos raciais, a sexualidade e a virilidade pelo realismo do porte físico de Belley. Aqui, a virilidade ética se funde à virilidade social figurando a liberdade criativa da auto-soberania do indivíduo. A libertação do escravo revelaria, tal como nos explicou Foucault (2006, p.112), a força da alma que aspira pela virtude ética na medida em que o exercício da reinvenção de si revela como o sujeito exerce a sua liberdade. A estilização da liberdade na pintura problematiza a arbitrariedade do homem livre ao gerir e criar as formas estéticas da sua aparência e da sua aparição no espaço político. Estes jogos estéticos de si para si explicitam como o indivíduo se constitui como um sujeito ético.

Omar Victor Diop (2014-2015) retoma este retrato de Belley na série *Diaspora* para discutir a forma como a virilidade foi representada de forma caricatural, exprimindo os estrangeirismos que modificam a postura do homem negro elegante. Ele utiliza a estilização sincrética como alegoria, explicitando que o estrangeirismo seria um traço da branquitude. Ademais, Diop (2014) nos chama atenção para a simplificação da ascensão como um tipo de elegância do espírito que descortina a emancipação da produção de subjetividade do homem negro. Segundo

³ Bocquillon propõe uma correspondência entre a representação de Belley por Girodet ao retrato de Chateaubriand pintado por Jacques Louis-David em 1807.

Mussai (2022, p.6), a presença histórica das diversas personagens performatizadas nas imagens de Diop, cataloga a maneira como o *Outro* sofre inúmeras violências no processo de representação cultural. O hedonismo vestimentar evocado por Diop atesta como a etho-poética se apresenta como uma forma de agência histórica a partir da qual o artista reconstitui os afetos que envolvem as mudanças sociais e as tensões políticas que elas resguardam. A proposta de Diop é articular de forma derrisória a pragmática da autofabulação, indicando, dentro da prática da performance, outras possibilidades de narrativas históricas que colocam em questão a modernidade negra.

O Dândi Lion: entre a polidez do gesto e a insubmissão da elegância negra

A história do homem elegante e a emergência do Dandismo nem sempre foram correlatas. A elegância estaria, para alguns autores, relacionada à polidez. A polidez, por sua vez, foi por muito tempo utilizada como um conceito-chave para se analisar a virtude da ação (Bergson, 2014), exprimindo a espacialização da faculdade estética no espaço público. A elegância seria, sob a perspectiva dos estudos da polidez, uma disciplina que integrava as tecnologias de si e a consciência de hábitos políticos. A elegância estaria no cerne do objetivo político de se organizar uma forma de vida coletiva. Esta experiência estaria intimamente relacionada ao domínio do corpo e da consciência nas ações da vida cotidiana, por isso, a polidez seria inicialmente associada à virtude política do bem comum na polis. Porque ela representaria o “bom senso”, isto é, a orientação virtuosa do conjunto de atitudes que representaria as escolhas morais, sociais e políticas. Ser elegante significaria, portanto, apresentar no espaço social o conjunto de gestos resultantes da elaboração ascética de si, algo semelhante à definição de Foucault (1994) referente ao conjunto de técnicas para a autoprodução do sujeito.

Desde o século XIX, o dandismo retomou esta noção da elegância como uma revolução política dos gestos, alcançando, assim, um modelo de fabulação da subjetividade como estilo de vida. Este ideal etho-poético de autotransformação foi apropriado por estéticas da diáspora negra como alternativa ao poder colonial, explicitando a forma de resistência do homem negro. O Dandismo Negro restituiu a lógica deste processo de individuação baseada no poder de si e na autonomia estética como uma práxis intersubjetiva de liberdade. Os Dândis Lions representam, na contemporaneidade, esta constituição diaspórica dos sujeitos negros que asseguram a experiência etho-poética coletiva, pois revelam a matriz estética da negritude baseada nas relações transhistóricas e transculturais. Ao eleger a noção da elegância como expressão da polidez, o Dândi Lion confrontaria a ideia da “máscara branca” frequentemente associada às partilhas estéticas advindas da lógica da moda. Este movimento compõe o ideário de elegância do homem negro e sua apresentação é, frequentemente, remontada pela arte contemporânea. O Dândi Lion foi interpretado no século XIX como um avatar do *Fashionable*. Entretanto, contemporaneamente, a sua imagem foi ressignificada representando conversão da elegância em poder simbólico no espaço social. A noção da atividade etho-poética seria, então, a

reconfiguração corpórea do homem negro como concepção da subjetividade negra; uma emancipação do indivíduo diante das práticas excludentes relacionadas à produção imagética tanto no campo da moda quanto na arte.

Mbamba (2010, p.30) analisa o sistema vestimentar a partir da ideia de Barthes (1977) denominada como “morfo-sintaxe”. Ele utiliza esta ideia para pensar como o agenciamento das roupas comporta realidades múltiplas. Este estudo nos leva a pensar as contínuas mudanças na construção de sentido e de significado das relações que imbricam a forma (morfologia), a sintaxe (linguagem) e o corpo humano (a aparência do sujeito). E, no caso das mudanças de significações e sentido do Dândi Lion, nós percebemos que há um sistema sintático que reforça o signo do leão como um atributo simbólico relacionado à altivez ancestral. E para a cultura africana, o Leão seria o arquétipo da força espiritual, como um modelo de realeza metafísico. Na história do Dandismo europeu, a pele do leão foi associada à força de Hércules e, para o dândi negro, este elemento simbólico figuraria uma intersecção transcultural entre a prática sartorial tradicional e a moderna. O Dândi Lion confrontaria duas concepções de masculinidade: a primeira, aberta às transfigurações da diáspora estética e, a segunda, resultante dessa transfiguração elaborada por um diálogo aberto às mudanças do ideal da masculinidade negra (Lewis, 2017, p. 15). Este ideal também envolveria a estética *queer*, oferecendo não somente uma perspectiva estética, mas alcançando uma profunda discussão sobre conduta e erotização do corpo como propósito de se pensar gênero e representação. Miller (2009) propõe uma correspondência ao Dandismo para observar que o *Dândi Quare*⁴ rasuraria o entendimento da performance *drag* porque, diferentemente da antiga concepção do disfarce, essa travessia de fronteira explicitaria uma sexualidade transgressora. Esta independência pode ser percebida na medida em que a identidade sexual se intercruza com a subjetividade racial. Ao retomar o sentido *quare*, ela enfatiza a expansão deste conceito para investigar a complexidade das identidades e experiências raciais. O dândi negro *quare* sinalizaria que sua identidade de gênero e de raça poderia ser estilizada eticamente, representando uma ruptura com a imagem da masculinidade normativa. Neste sentido, o Dândi Lion revelaria a indeterminação da própria sexualidade, colocando-a em negociação tanto o modelo de luta histórica pela liberdade quanto as práticas sexuais. A insubmissão do sujeito negro diaspórico seria, neste caso, tangenciada pela transformação da forma como concebe a sua identidade. Aceitar a fabulação da identidade e da sexualidade do homem negro seria, analogamente, aceitar a vivência da experiência moderna que interroga não somente as ambições da classe, mas sobretudo do gênero (Guimarães, 2021). A modernidade negra representada pelo Dândi Lion é, também, o reconhecimento de uma articulação moderna entre raça, masculinidade, sexualidade, classe e cultura na etho-poética do sujeito:

A modernidade negra é também, de certo modo, a negação da filosofia que buscava afastar o ser humano do reino animal e bárbaro, reconstruindo a humanidade europeia por oposição a todas as demais sociedades humanas.

⁴ Miller (2009, p.180) retoma o ensaio *Quare' Studies, or (Almost) Everything I Know about Queer Studies I Learned from My Grandmother*”, de E. Patrick Johnson (2005), a fim de destacar a importância de integrar as perspectivas raciais e de classe social frequentemente negligenciadas pela teoria Queer. Johnson redefine o sentido de *quare* a partir da pronúncia do inglês negro (utilizado por sua avó). Tal como Johnson, Miller defende uma “política do corpo” que reconhece os traumas e as violências do racismo.

Aceitar como modernos os negros, que eram considerados o primeiro degrau da escada da evolução, significou a revalorização das emoções (...) (GUIMARÃES, 2021, p.76)

Afinal, lembra-nos Guimarães (2021, p.38) que as raças e as classes se articulam intimamente, e o racismo moderno se formou historicamente como uma ideologia no plano de uma estrutura social altamente classificatória; de tal modo que o colorismo sistematizava mais facilmente o *status*, criando um padrão qualificatório. Tais articulações modernas se tornam importantes para o surgimento crítico de uma prática discursiva que marca a emergência de uma performatividade negra no campo do imaginário. Sob a perspectiva de Miller (2009, p.178), o dândi seria o *Outro* do modernismo, tornando-se signo de uma alteridade atípica. Ele seria a figuração de um ser paradoxal que mixaria todas as aporias culturais, como o espírito e a carne, o ético e o estético, a natureza e a cultura, o masculino e o feminino, o ativo e o passivo. Então concretizar-se-ia, aqui, a injunção dialética da “obrigação da incerteza”, um conceito desenvolvido por Coblenz (2018, p. 36): “Incerteza do desenho social – integração que não é visada pelo dândi -, incerteza do espírito dentro da fragilidade das brincadeiras, incerteza dos preceitos de elegância, por vezes contraditórios e, em todo caso, impossíveis de seguir; incerteza imperativa, enfim, do sujeito apresentado”. Questão que afirma a ambiguidade e a complexidade envolvida na compreensão e aplicação dos preceitos de elegância, que podem ser difíceis de conciliar ou mesmo alcançar, resultando em uma incerteza fundamental quanto à identidade ou apresentação do dândi. A etho-poética seria, assim, o signo da subversão do modernismo. Ela integra os elementos binários que se consolidam no imaginário social a partir do modo de presença do *Outro* construído pela autofabulação. Como nos explica Miller (2009, p.179), esta “incerteza radical” provoca uma ruptura no inconsciente coletivo, conduzindo a percepção social a se deparar com o processo de autoinvenção do homem negro como um tipo de incerteza “fora do controle” por ser fabulado pela experiência de uma eticidade moderna. O Dândi Negro ultrapassaria, segundo Miller, os limites estáveis do *Outro*.

Miller (2009, p.259) considera a fabulação proposta pelo trabalho artístico de Iké Udé uma estilização de identidades. Ela o denomina de “estilista do self”, proposição que remonta à noção da moda como um tipo de modelagem do sujeito (Greenblatt, 2005, p.9). As performances de Udé podem ser relacionadas à ideia da etho-poética porque agenciam os aspectos éticos e estéticos para construir uma reinvenção artística do homem negro. Em suas performances, Udé se engaja em questionar os estereótipos raciais, utilizando o Dandismo Negro para se discutir as experiências de gênero, raça e classe social. Udé exemplifica a análise de Foucault (1994) sobre a “estética da existência” a fim de propor narrativas de si que nos apresentam importantes reflexões sobre a racialização imagética do Dândi Negro. Em seu processo de autofabricação, Udé reconfigura as políticas de visualidade consolidando o trabalho espiritual da elegância negra.

O filme intitulado *O Eu Considerado* (1995) é um exercício crítico sobre vida estética, na medida em que, pela ideia de uma existência fabulada como obra de arte, o artista fabula a sua identidade racial. Como resultado, o gesto

estilizado do artista sobre a sua própria imagem recria a conduta ética do homem negro no espaço da arte. O artista problematiza a articulação entre a arte e a moda, corporificando o gesto do espírito como uma atitude de modernidade. Consequentemente, seu trabalho expressa, por meio da performatividade do Dândi Lion, a técnica de estetização do *self* (*techné*), o autoconhecimento promovido pela emancipação da consciência (*askésis*) e a fabulação contínua da identidade como um ato poético (*poiésis*). Como sublinha Miller (2009, p.258), o trabalho artístico de Udé enfatiza a estilização da vida como um fundamento estético do afrocsmopolitismo, introduzindo o sentido *lato* da polidez como princípio operador da arte da existência. Ademais, o seu trabalho se coloca como um exemplo de como o sujeito pode, por meio da auto-observação, se interrogar sobre a sua conduta como um exercício do seu poder pessoal e da prática de sua liberdade. Udé remonta à incerteza radical do dândi performatizando a fluidez da identidade *quare*. Ele negocia continuamente a autenticidade e o artifício do *self*, ampliando as fronteiras do Dandismo ao subverter a morfologia sintática da moda europeia e africana, ao expor todas as contradições das convenções vestimentares. A fotoperformance *Anarquia Sartorial* (2013) confirma que seu trabalho rasura o comportamento morfo-sintático dos códigos vestimentares, propondo uma verdadeira liberdade de autocriação a partir da rejeição de identidades impostas. Para Udé (2009, p.219), o Dândi é muito mais do que uma pessoa estilosa, ele é o emblema de uma eloquência sartorial que delibera a sua inteligência pelo vocabulário vestimentar. Por meio do Dandismo, Udé transforma a experiência da prática vestimentar em crítica cultural, vivendo a performatividade estética do Dândi Negro como um meio de questionar a importância da autocontemplanção para se redefinir as identidades.

Dândi-Lions: Afrofabulação da elegância Negra

Como vimos anteriormente, a ideia da elegância pode ser utilizada para se referir a uma propriedade da alma que qualifica um tipo específico de conhecimento do sujeito. Essa noção sugere que a elegância não é apenas uma característica externa ou estética, mas uma qualidade intrínseca ao espírito. A elegância é vista como um atributo da alma que se manifesta pelo entendimento refinado e por uma percepção sensível de si e do mundo exterior. Parret (1997, p.157-8) nos diz que a elegância não teria relação com o belo, isto é, com o harmônico, perfeito ou harmonioso. A elegância se revelaria para ele por intermédio da experiência do sublime que, de forma análoga ao ideário romântico, seria expressa pela transcendência, pelo alhures e pela incerteza do ser. O sublime teria o papel de explicitar a força da elegância sobre os sentidos, ampliando o trabalho da imaginação na autosubjetivação. A elegância sublime expressaria a “incerteza” como uma experiência obrigatória do Dandismo porque a imagem do Dândi conservaria em si um traço do indefinível, do bizarro ou do monstruoso. Algo semelhante à visão de Baudelaire (2011, p.672) que define o chique como uma “monstruosidade moderna”, sendo em si mesma a representação de uma ausência de modelos. O chique seria, de acordo com Baudelaire, o abuso da memória. Coblenca (2016, p.94) aproxima a palavra “chique” ao sentido

da elegância, definindo-a como um tipo de distinção que singulariza o sujeito. No entanto, ela mostra que a elegância revelaria, aos olhos de Baudelaire, o princípio da discrição. O chique, por sua vez, marcaria o desejo de sinalizar as diferenças. O Dândi Lion contemplaria estes dois paradoxos porque *ser e parecer* deveriam aludir à particularidade dos detalhes que revelariam as diferenças no ato de transfiguração do homem em obra de arte.

Esta metamorfose é compreendida por Lévy-Bertherat (1994, p.87) como um tipo de traço visível da faculdade da elegância que, pela elaboração de uma poética do artifício, torna visível a *transmutação* do ser. É justamente pelo conhecimento adquirido e pela técnica de elaborar uma combinação perfeita do vestuário, do corte, da cor e dos acessórios que a aparência do Dândi alcança uma singularidade distintiva. O cuidado de si formulado pelo gesto, pela polidez dos modos, pela higiene e pelo cultivo de leis rigorosas relacionadas à elegância alicerçam a consciência de uma sensibilidade moral relacionada à transformação da identidade do sujeito. Foucault (2006, p. 86), por sua vez, designa esta relação do sujeito consigo mesmo como uma atitude moral que designa uma sabedoria a partir do qual o sujeito governaria a si mesmo. A palavra *enkrateia* responderia a esta ação de ordem e de domínio de suas faculdades, configurando-se como uma importante virtude do sujeito no controle de seus prazeres. Estes cuidados implicariam tanto o autoconhecimento quanto o autotreinamento do corpo e do espírito. Ele nos explica, seguindo as orientações socráticas, que o princípio de cuidar de si mesmo era conhecido como *Epimeleia Heautou*, máxima que para ser realizada dependeria de outros dois conhecimentos: a prática (*askesis*) e a teoria (*mathesis*). Estes pontos são observados por Simpson (2012, p. 243) como um tipo de coerção sutil do sujeito sobre os seus próprios hábitos, o que significaria pensar a estética da existência como um olhar panóptico. Assim, o sujeito exerceria uma forma de poder, um tanto quanto vigilante, sobre o seu próprio corpo e sobre os seus pensamentos. Neste caso, a liberdade de autoconstituição do sujeito, também poderia estar sujeita a normas e certas diretrizes. Logo, a liberdade ética de autofabricação seria, de acordo com Simpson, uma forma de resistência criativa.

Para Lewis (2015, p.58), a utilização do termo Lion para os Dândis Negros reforçaria a resistência criativa da experiência estética da diáspora. Simbolicamente, o leão estaria associado à força da natureza de *Exu*. O Dândi Lion representaria por intermédio das metamorfoses estéticas um modelo de resistência criativa, delineando teoricamente e empiricamente a estetização do sujeito. O dândi seria, portanto, um ícone da diáspora cultural que ocuparia o lugar, na cosmologia da África Ocidental, o lugar de *Exu*, entidade que simboliza a metamorfose e o disfarce do homem, designando o atributo sacralizado da roupa como um artifício espiritual. *Exu* é um símbolo da diáspora africana e, de forma semelhante ao Dândi Negro, se apresenta como um indivíduo provocador que, por sua elegância sublime, constrói sentidos e significações incertas. Como *Exu*, o Dândi Negro baseia-se na metamorfose compreendo que, em contextos performáticos, o corpo é sempre ressignificado em sua existência estética. Lewis (2015, p.59) observa o Dândi Lion pela tradição do devir ancestral, retomando as máscaras e os disfarces como uma personificação de divindades. E ainda

que o corpo do Dândi Lion esteja revestido por um “terno”, ele pode articular reflexões sobre o indivíduo e sua relação com a sociedade, desafiando, no nível mais existencial, as noções popularizadas sobre o que ele é capaz de *ser* ou *fazer*.

A estilização fomentada pelas técnicas artificiais da produção da aparência se inscreveria como um tipo de saber produzido para efetivar a apresentação pública da singularidade do indivíduo. As tecnologias de si engendradas pela modelagem das roupas, pelo estilo vestimentar e pelos gestos performativos contribuiriam para constituir a expressão secularizada da autonomia do sujeito. Elas seriam um modo de autofabulação do sujeito a partir do qual ele transcende as representações convencionais da sua existência. É pela capacidade de reinvenção de si que o sujeito moderno pode transformar a sua existência, criando formas alternativas de estilos de vida.

Deleuze e Guattari (1992, p.223) associam a fabricação do sensível ao conceito de “fabulação” como expressão da experiência do devir. Assim toda fabulação seria uma fabricação na qual o artista inventaria *seres de sensação*. Retomamos esta ideia para examinarmos os acontecimentos fabulados pelos artistas que transformariam as percepções da realidade em obra de arte. O devir seria o momento em que o acontecimento transformar-se-ia em uma ação do sensível e o ato de criação revelaria o *devir-outro*. Deleuze e Guattari (2012, p.93) observam que existem múltiplos devires do homem, mas eles seriam diferentes do *devir-minoritário*. Eles entendem o devir-minoritário como uma transformação do modo de agir e de pensar que criaria alternativas de existência frente às categorizações impostas. É uma maneira de criar possibilidades de existência que fogem das categorizações impostas por estruturas culturais coercitivas. Nesta linha de pensamento, ele seria uma resistência criativa que realizaria transformações nos modos de vida. Retomamos este conceito para pensarmos os novos modos de subjetividade que podem ser fabulados pelo Dândi Lion, pois ele contribui para se examinar como o Dandismo Negro reinventaria, pelas imagens da arte, a experiência de transformação do homem negro: o devir-negro seria o “movimento inevitável” e importante ao Dândi Lion, ele representaria o momento em que o homem negro poderia escapar de uma identidade racial essencialista, a fim de governar a si mesmo por intermédio de uma resistência criativa para desafiar as concepções hegemônicas da sua imagem. O devir-negro seria o movimento ativo do médium que desterritorializaria o sujeito de uma identidade maior, eliminando tudo que poderia enraizá-lo em um traço de semelhança generalizado. Deleuze e Guattari (2012, p.93) nos explicam que o devir-negro só se realiza pela ascense, que auxilia o homem a se (re)territorializar pelo devir. Afirmam os autores: “Até os negros, diziam os Black Panthers, terão que devir-negro” (Deleuze e Guattari, p.93). Essa questão é retomada por Mbembe (2014, p.11) para pensar como a produção da subjetividade africana poderia criticar as narrativas dominantes. A partir da ideia de Deleuze e Guattari, ele revisa as categorias identitárias fixas, utilizando o termo *efabulação* para contestar as práticas racistas. O devir-negro, como o devir-minoritário, são exemplos de resistência criativa que ativam a afrofabulação, produzindo múltiplas experiências do modo de ser para romper o poder colonial e, conseqüentemente, com as normas estéticas da branquitude. O Dândi Lion elabora uma afrofabulação a fim de criar uma contranarrativa do homem negro elegante, reivindicado conceito de “devir-negro” para desafiar as concepções

sobre identidade e existência. A afrofabulação seria uma atividade crítica que afrontaria a maneira como as identidades negras foram percebidas e historicamente oprimidas por categorizações que as inferiorizavam e as desumanizavam. Como observa Mbembe (2014), a redução da raça à aparência de “ser negro” alimenta o “delírio” das categorias raciais, reduzindo o corpo e o ser vivo a um status biológico fixo. A ideia de raça se apresenta como uma categoria originária e fantasmagórica, tendo sido o fulcro de inúmeras violências e crimes inomináveis. A afrofabulação do Dândi Negro nos permite explorar o conceito de branquitude como uma relação de poder no processo de representação do Outro a partir de uma especificidade de um aparato ideológico racial.

Rubio (2013, p.87) analisa a produção artística de Yinka Shonibare como uma resposta às representações ideológicas da construção de uma política racial ancorada em estereótipos raciais. A figuração do Dandismo em seu trabalho seria uma maneira do artista revisar as relações de poder no processo de produção da subjetividade do homem negro. Shonibare revista o estereótipo do Dândi para expor e questionar as dinâmicas raciais na representação do homem elegante na História da Arte. A afrofabulação do homem negro elegante desestabiliza a imagem do homem negro, questionando as concepções normativas da construção da identidade racial. Shonibare reencarna o Dândi para apresentar a ausência e a invisibilidade histórica do homem negro elegante na circulação das imagens. Miller (2009, p.278) analisa as explorações do Dandismo por Shonibare como uma possibilidade de fabulação da identidade moderna do homem negro assumido o lugar do indivíduo que detém poder. Em suas séries fotográficas intituladas *Diário de um Dândi Vitoriano* (1998), Shonibare reinterpreta e subverte as noções de raça, sexualidade e classe. A partir do deslocamento do trabalho *The Rake's Progress*, de William Hogarth (1735), sobre a produção ética do libertino, ele fabula criticamente a representação da vida libertina do homem negro. Segundo Miller, o trabalho de Shonibare demonstra como o artista elabora uma narrativa ficcional da diferença recompondo a inversão de papéis pela ideia da alteridade invertida. A automodelação irônica no Dandismo pode ser verificada pela mobilidade performativa do artista que, por intermédio de uma perspectiva transcultural, reconfigura no espaço da ficção o homem negro socialmente marginalizado. A afrofabulação da elegância negra seria, portanto, a reversão dialética do discurso de poder que opera no campo da ficção o significado da diferença racial. O Dândi Lion seria uma forma de alegoria da construção imagética da alteridade racial, na qual o poder é substituído pela afrofabulação do homem elegante. Para além da fantasmagoria e fetichização do luxo, desvela-se a luta em torno da construção de significados da masculinidade negra. A afrofabulação da elegância negra não somente personifica a inversão dos estereótipos raciais como também explicita o agenciamento da estética da negritude como gesto da etho-poética. Sendo assim, o ato criativo do sujeito exteriorizado pela elegância se revelaria também como um trabalho ético-estético do artista sobre si mesmo. A afrofabulação seria uma das formas do homem negro contemplar a si mesmo, de modo a assegurar a liberdade como uma condição ética da sua existência estética.

Considerações Finais

Ao longo deste artigo, examinamos como o processo de automodelagem do Dândi Lion corresponde à prática ascética das tecnologias de si. A partir dos estudos de Foucault (1994) sobre a estética da existência, examinamos como o Dandismo contribuiu para se pensar uma prática discursiva a partir da qual o sujeito produz uma forma de conhecimento sobre si mesmo, transgredindo os processos de representação do homem negro elegante. Apresentamos como a discussão em torno da elegância negra subverte a economia suntuária do sistema da moda, desestabilizando a política da visibilidade pela inversão da alteridade. O texto apresentou, inicialmente, uma discussão sobre as estratégias emancipatórias de modelagem de si ampliando o debate em torno da singularização do indivíduo promovida pelo fenômeno da moda. Como referência inicial às práticas de devir do dândi negro, examinamos como os artistas contemporâneos Omar Victor Diop, Iké Udé e Yinka Shonibare discutem a tríade conceitual de gênero-classe-raça, propondo uma inversão dos papéis sociais a partir da imagem do dândi negro. Retomamos a noção da etho-poética para analisarmos o trabalho de estetização da existência fabulada no Dandismo. Encontra-se alojada no centro desta questão a mobilidade performativa do Dândi Lion que explicita a dimensão transcultural do homem negro elegante. Observou-se em que medida a automodelagem assegura ao sujeito a conquista de sua liberdade, garantindo-lhe uma soberania ética diante de suas próprias ações. Analisou-se, ainda, a importância da relação entre a polidez e a elegância espiritual como uma prática performativa do gesto graças ao qual o artista negro transfigura alguns atributos de estilo da moda em ativismo estético. Configura-se, aqui, a imagem do sujeito ético pela transfiguração da sua vida e da sua existência em obra de arte. A imagem do Dândi Negro ilustra como o sujeito pode ser livre para compreender o seu modo de vida como uma experiência estética. A arte de si doaria ao indivíduo a liberdade para o exercício do poder político sobre si mesmo e, conseqüentemente, sobre os outros. A estética da existência se torna, então, um tipo de estratégia combativa para dar visibilidade política à elegância negra. O Dândi Lion explora, a partir de uma prática interdisciplinar, o ideário do sujeito secularizado que narra a sua história a partir de um estilo de vida autônomo. Como resultado, ele se torna o indivíduo soberano da linguagem constitutiva da sua autoimagem.

Referências

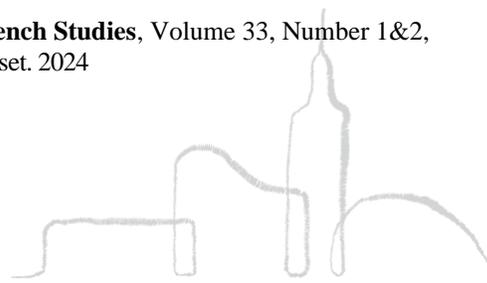
BARTHES, R. **O sistema da moda**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1977.

BAUDELAIRE, Charles. **Œuvres Complètes**. Paris : Robert Lafont, 2012.

BERGSON, H. **La Politesse**. Paris : Rivage, 2014.

BOCQUILLON, M. Le portrait parlant de Jean-Baptiste Belley. **Nineteenth-Century French Studies**, Volume 33, Number 1&2, Fall-Winter 2004-2005, pp. 35-56. Disponível em: [10.1353/ncf.2004.0048](https://doi.org/10.1353/ncf.2004.0048) Acesso em: 9 set. 2024

BRILLIANT, R. **Portraiture**. London : Reaktin Books, 1991.



DELEUZE, G; GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Ed.34, 1992.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs**. V.4. São Paulo: Ed.34, 2012.

CHECINSKA, C. (Re-)fashioning African Diasporic Masculinities. In: GAUGELE, E. et al. **Fashion and Postcolonial Critique**. Viena: Sternberg Press, 2019, pp.74-89.

COBLENCÉ, F. **Le Dandysme. Obligation d'Incertitude**. Paris: Klincksieck, 1998.

COBLENCÉ, F. Chic. IN : MONTANDON, Alain. **Dictionnaire du Dandysme**. Paris: Honoré Champion, 2016, pp.93-94.

ENWEZOR, O. Of Hedonism, Masquerade, Carnavalesque and Power: The Art of Yinka Shonibare. In: FARRELL, F.A. **Looking Both Ways: Art of the Contemporary African Diaspora**, New York: Museum for African Art, 2003, pp.163-7.

FOUCAULT, M. **Dits et Écrits – 1954-1988. V4**. Paris : Gallimard, 1994.

FOUCAULT, M. **Histoire de la Sexualité II. L'usage des plaisirs**. Paris : Gallimard, 2006.

GUIMARÃES, A. **Modernidades Negras. A formação racial brasileira (1930-1970)**. São Paulo: Ed.34, 2021.

GREENBLATT, S. **Renaissance Self-Fashioning. From More to Shakespeare**. Chicago: The University of Chicago Press, 2005.

HARAWAY, D. **Staying with the Trouble: Making kin in the chthulucene**. Durham: Duke University Press, 2016.

HALL, S. **Identidade Cultural e Diáspora**. In: **Histórias Afro-Atlânticas**. Vol.2 Antologia. Org. editorial, Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro, André Mesquita. São Paulo: MASP, 2018, p. 88-98.

JOHNSON, E. P. et al. **Black Queer Studies. A Critical Anthology**. London: Duke University Press, 2005.

LEWIS, S. Fashioning Black Masculinity. The Origins of the Dandy Lion Project. **Journal of Contemporary African Art**. V. 37, NKA: November 2015, pp. 54-61. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/10757163-3339871> Acesso em: 9 set. 2024

LEWIS, S. Dandy Lion. **The Black Dandy and Street Style**. New York: Aperture, 2017.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

MABARGA, J-C. **Traité de Sémiotique Vestimentaire**. Paris : L'Harmattan, 2010.

MERCER, K. Black Hair / Políticas de Estilo. In: **Histórias Afro-Atlânticas**. Vol.2 Antologia. Org. editorial, Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro, André Mesquita. São Paulo: MASP, 2018, p. 63-81.

MILLER, M. L. **Slaves to Fashion. Black Dandyism and the Styling of Black Diasporic Identity**. New York: Duke University Press, 2009.

MBAMBA, J-C. **Traité de Sémiotique Vestimentaire**. Paris : L'Harmattan, 2010.

MUSSAI, R. L'Épiphanie du Visage : Les Libérations Visuelles d'Omar Diop. In : Magnin-a, G. **Omar Victor Diop**. Florence: 5 Continents, 2022, pp.6-7.

PARRET, H. **A Estética da Comunicação. Além da Pragmática**. São Paulo: UNICAMP, 1997.

RUBIO, S. Passing for White: Blanquitud y performatividad en la obra de Yinka Shonibare, **Revista Forma**. V2 MBE: Universidad de Valencia, 2013, pp.83-93

SIMPSON, Zachary. **Life as Art. Aesthetics and the Creation of Self**. Plymouth: Lexington Books, 2012.

WESTON, H. Representing the Right to Represent. The Portrait of Citizen Belley, ex-representative of the Colonies by A.-L. Girodet. **Anthropology and Aesthetics**, 26. Cambridge: Peabody Museum of Archeology and Ethnology, Autumn 1994, 81-99.

